

Tucanos balançam entre a esquerda e Collor

O otimismo dos tucanos quanto à consolidação definitiva do PSDB deve durar pouco tempo. O grande problema agora, para o candidato Mário Covas — além de digerir a derrota — será resolver as diferenças internas, que deverão aumentar ainda mais durante as negociações para o segundo turno da eleição presidencial. Sabe-se, por exemplo, que o presidente nacional do partido, Franco Montoro, tem uma certa simpatia pelo candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, que ainda poderá atrair outros líderes do PSDB paulista, como o senador Fernando Henrique Cardoso e o deputado José Serra. Já parlamentares como Arthur da Távola (RJ), Nelson Friedrich (PR), Herman Zanetti (RS) e Otávio Elisio Alves de Brito (MG) não admitem a hipótese de apoio a Collor.

Eles já avisaram que vão apoiar a esquerda, seja Luís Inácio Lula da Silva, do PT, seja Leonel Brizola, do PDT. “Temos de buscar a coesão”, aconselha o líder do PSDB na Câmara, deputado Euclides Scalco (PR). “Se o partido não se unir, estará liquidado”, acrescenta o deputado Sigmaringa Seixas (DF). Mas os dois reconhecem a dificuldade de união e, sem disfarçar seu temor pelo destino do PSDB, o deputado Otávio Elisio chega a sugerir que o apoio do partido a qualquer candidato no segundo turno seja decidido após uma consulta às bases. “A Executiva pode decidir o caminho, mas as bases têm de ser ouvidas”, adverte o parlamentar mineiro.

Restam ainda os problemas regionais. “O governador do Ceará, Tasso Jereissati, entrou de corpo e alma na campanha de Covas e agora está num beco sem saída”, comenta um deputado tucano. Esse mesmo deputado observou que Jereissati está impedido de apoiar Brizola (que vence com



Alto comando tucano: reunião de emergência para definir a nova estratégia.

larga vantagem em seu Estado) e, ao mesmo tempo, afastou-se quase que definitivamente de Collor, quando lhe negou apoio há dois meses.

Mas, nos meios políticos cearenses, os comentários são de que Tasso Jereissati está mesmo disposto a apoiar Brizola, se ele chegar ao segundo turno, em função de uma amizade entre o candidato do PDT e seu irmão, Carlos Francisco Jereissati, em São Paulo. No palácio do governo, em Fortaleza, ninguém confirma essa versão, mas todos afastam qualquer possibilidade de o governador vir a fazer uma aliança com Lula, por

não haver entre eles qualquer tipo de identificação ideológica. (Lula defende o socialismo; e Tasso Jereissati, dono de um patrimônio estimado em cem milhões de dólares, defende a livre iniciativa.)

Pimenta da Veiga

A situação do prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, também não é confortável. Seu maior opositor no Estado, o governador Newton Cardoso, que oficialmente apoiou Ulysses Guimarães, manteve um braço sólido na campanha de Collor. Seu segundo maior adversário é o PT, que quase lhe roubou a vitória na eleição municipal do ano passado

e aparece como força emergente em Minas. Um deputado mineiro resume assim a situação de Pimenta, que vê complicados seus planos para a sucessão governamental: “Se correr o bicho pega. Se ficar o bicho come”.

Antes mesmo da divulgação dos primeiros resultados da eleição, Pimenta da Veiga desembarcou em Brasília. A cúpula tucana esperava fazer ontem, no comitê central do PSDB, uma reunião de avaliação dos resultados. Mas houve mudança de planos e, no final da manhã, os poucos parlamentares do partido que estavam em Brasília voaram para São Pau-

lo, para uma reunião de emergência com todo o staff político da campanha.

Em Maceió, o senador Teotônio Vilela Filho (PSDB-AL) considerou “praticamente nula” a possibilidade de aliança de seu partido com Collor. O PSDB, afirmou, tem uma linha progressista de centro-esquerda, o que naturalmente o levará a apoiar Lula ou Brizola no segundo turno. É o mesmo raciocínio do prefeito de Manaus, Arthur Neto, também do PSDB: ele revelou ontem que votará no candidato de esquerda que sair para o segundo turno.